



Subsídios Para a Lição da Escola Sabatina 1º Trimestre de 2010

DOMÍNIO PRÓPRIO

por Emilson dos Reis

A última das virtudes mencionadas por Paulo como parte do fruto do Espírito é *enkrateia*, que tem sido traduzida como domínio próprio ou temperança. Ela ocorre apenas aqui, em Gl 5:23 e em At 24:25 e 2Pe 1:6, e deriva da raiz *krat*, que significa “poder” ou “controle”. Também há o adjetivo *enkrates* – “contínente” (que tem continência: a abstenção de prazeres) ou “que tenha domínio de si” (Tt 1:8) – e a forma verbal *enkrateuomai*, “abster-se de algo”, vertida como “se dominem” (1Co 7:9) e “se domina” (1Co 9:25).¹

DOMÍNIO PRÓPRIO É PODER

Domínio próprio “descreve a força interior pela qual um homem se controla, recusando-se a ser levado ao léu pelos desejos ou impulsos diversos”;² refere-se à possibilidade de moldar a vida, não segundo os maus desejos de nossa natureza pecaminosa, mas conforme os desejos de Deus, que sempre são puros, benéficos e bons.³ O domínio próprio, presente nesta listagem, é produzido pelo Espírito Santo na vida do crente, capacitando-o a refrear-se de vícios e excessos⁴ e parece estar contrastando com as diversas obras da carne que foram anteriormente mencionadas (Gl 5:19-21) e que, claramente, demonstram a auto-indulgência – o deixar-se levar pelas paixões e desejos – que é seu antônimo.⁵ Ter domínio próprio significa “ter poder sobre si mesmo”.⁶ Sim, é quando nos rendemos para ser totalmente dominados pelo Espírito de Deus que somos mais nós mesmos do que nunca.⁷ Em vez de pensarmos no cristão apenas como alguém que não pode (e não deve), fazer isso e aquilo, deveríamos saber que somente o cristão é que pode fazer algumas coisas: somente ele é que tem poder para ser obediente à vontade de Deus, somente ele é que pode amar de verdade, somente ele é que pode ter a vitória sobre os desejos impuros do coração e ainda assim viver em paz e contentamento.

O cristão tem poder para não viver pecando. “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.” I João 3:9. O filho de Deus é simplesmente incapaz de viver uma vida pecaminosa. Isto não significa que ele nunca mais cometerá um ato de pecado, mas que ele não vive mais constantemente, habitualmente, uma vida de pecado. Quando creu em Cristo, houve uma “transformação interior, profunda, radical;” recebeu uma nova natureza, que “exerce uma forte pressão interna em direção à santidade”.⁸ “Deus armou os seus filhos para a guerra contra Satanás, implantando a sua própria natureza neles... Podemos dizer, portanto, em terminologia moderna, que os genes de Deus permanecem em Seus filhos, e que pecar é contrário à natureza deles”.⁹ Ilustremos esta verdade comparando dois animais: o porco e o gato. O porco tem prazer em chafurdar na lama. Faz parte de sua natureza. Mas um gato jamais fará isso. É um dos animais mais limpos que conhecemos: está sempre se lambendo, se limpando. Um gato nunca terá prazer em se revolver na lama simplesmente porque não faz parte de sua natureza. Assim, um filho de Deus não terá satisfação em viver uma vida pecaminosa.

O cristão tem poder para vencer o mundo. “Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.” I João 2:15-17. Na Bíblia a expressão “mundo”, dependendo do contexto, pode significar “universo”, “Terra”, “humanidade”, etc. Mas neste texto se refere ao sistema pecaminoso e mau, inaugurado e chefiado por Satanás, com tentações e perversões de toda sorte, onde é incentivada a vida egoísta, carnal e ímpia e que exerce pressões psicológicas, intelectuais e até físicas para nos alienar de Deus e Seus caminhos. É um estilo de vida que se opõe à vontade de Deus e, nem mesmo O leva em conta. Aquele que o adota está preocupado apenas consigo mesmo, com seu prazer e não se importa se suas decisões terão a aprovação do céu ou não.

O mundo deve ser encarado por nós, não como amigo, mas como um inimigo que precisa ser combatido e vencido. Contudo, isso só é possível àquele que nasce de Deus. “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos, porque todo que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.” I João 5:4. O filho de Deus é um vitorioso. As atrações e propostas do mundo perderam o seu fascínio sobre ele. Ele sabe que suas cores, seus sons, seus encantos e prazeres são

ilusórios e passageiros. Armado de sua fé ele segue avante, obediente aos mandamentos de Deus, a quem devota o seu amor.¹⁰

DOMÍNIO PRÓPRIO E FORÇA DE VONTADE

Domínio próprio também pode ser entendido como força de vontade¹¹. “Vontade” é uma expressão que pode ter diversos significados, sendo que os mais usados parecem ser: (1) *Desejo*, anseio, aspiração. Ex.: “Estou com vontade de comer um pedaço de bolo”; e (2) Capacidade de escolha, de *decisão*. Ex.: “O apóstolo Paulo tinha uma vontade de ferro” (o que indica que possuía firmeza e energia nas decisões). Aqui empregamos o termo “vontade” com o sentido de *capacidade de decisão* e não como *desejo*. “A vontade não é gosto nem a inclinação, mas o poder que decide”.¹² Assim, alguém pode passar diante de uma confeitaria e, vendo os doces expostos na vitrina, ter o desejo de comê-los e, contudo, embora tenha tempo e dinheiro, por alguma razão sua vontade diz “não”, e ele segue seu caminho, sem saboreá-los.

Uma pessoa pode ter uma infinidade de desejos, mas a vontade é apenas uma. A vontade pode combater os desejos ou aliar-se a eles. Ela está acima das emoções e da razão, e é responsável pelas decisões e pelos caminhos do indivíduo. “A vontade é o poder que governa a natureza do homem, pondo todas as outras faculdades sob sua direção.”¹³ As faculdades mentais e as paixões devem ser controladas pela vontade.¹⁴ A razão pode analisar com clareza tudo que está envolvido e apontar o rumo correto, mas é a vontade que detém o comando. Pode concordar com a razão e decidir em harmonia com ela; pode render-se á emoção; pode ir contra uma e outra. É como uma máquina interna que toma decisões. A vontade é livre para escolher e se constitui na grande capacidade que torna o homem senhor de si mesmo, de seus atos, e, por isso mesmo, ele é simultaneamente livre e responsável.¹⁵ A vontade é a própria essência da personalidade. É a fonte de todas as ações.¹⁶

Uma pessoa pode ter uma vontade saudável ou uma vontade enferma. Os de vontade enferma podem ser classificados em três grupos: (1) Os impulsivos. São os que não gastam tempo para pensar. São incapazes de resistir a certos impulsos¹⁷ ou instintos.¹⁸ São impetuosos, rápidos demais em decidir e agir. (2) Os indecisos. Ao contrário dos anteriores, estes pensam demais. Em sua mente, os prós e os contras assumem grandes proporções e eles não sabem o que decidir. A razão realiza bem o seu papel, mas a vontade não assume o comando.¹⁹ (3) Os inconstantes. São os que raciocinam e decidem corretamente, mas não são capazes de executar o que decidiram. Deixam-se dominar pelos acontecimentos, em vez de dominá-los. Têm medo de agir.²⁰

Na Bíblia encontramos exemplos de indivíduos que, pelo menos em certos momentos da vida, manifestaram uma vontade doentia. Assim, como exemplos de impulsivos, citamos Ananias e Safira que, levados pelo ímpeto do momento, decidiram doar para a igreja apostólica todos os recursos adquiridos com a venda de um terreno, mas que, ao terem o dinheiro em mãos, arrependem-se da decisão precipitada que haviam tomado (Atos 5:1-11). Ló é o exemplo de alguém indeciso. Sendo avisado pelos anjos que Sodoma seria destruída, demorava-se em tomar a decisão de partir (Gên. 19:1, 12-16). Pilatos, por sua vez, é apresentado como inconstante, pois, havendo analisado as acusações feitas contra Jesus, chegou à conclusão e declarou que Ele era inocente e, embora tivesse decidido soltá-Lo, deixou-se dominar pelos acontecimentos e O entregou para ser morto (Atos 3:13; Luc. 23: 13-25).

É através da vontade que o pecado conserva seu domínio sobre os homens.²¹ A vontade que não foi rendida ao domínio de Cristo é governada por Satanás²² e embora o homem não possa por si mesmo controlar seus impulsos e emoções como gostaria²³ tem a capacidade de tirá-la do domínio de Satanás e entregá-la a Cristo.²⁴ Quando isto é feito, “a graça de Cristo Se apresenta para cooperar com o agente humano”²⁵ transformando a mente e o coração, pela atuação do Espírito de Deus.²⁶ Ao entregarmos a Deus nossa vontade ela nos é devolvida “purificada e refinada” e tão em harmonia com Ele que nos tornamos condutos de Seu “amor e poder”.²⁷

DOMÍNIO PRÓPRIO E OS HERÓIS DA BÍBLIA

As narrativas bíblicas contêm exemplos de pessoas que exerceram grande domínio próprio – mesmo com risco de grave perigo ou da perda da própria vida – e também de indivíduos que falharam em exercer o auto-controle.

José possuía controle pessoal. Em certo período de sua vida, ele foi tentado todos os dias pela senhora Potifar. Segundo todas as aparências, haveria vantagens em ceder e sérios riscos em dizer “não”. Além disso, ele nem tinha uma família por perto nem uma igreja para apoiá-lo. Estava sozinho. Contudo, ele possuía uma clara compreensão de quem era Deus e do que era pecado. Ele decidiu recusar e recusou. Disse e fez. Disse “não” e fugiu. Ele não entregou o controle de sua vida a outra pessoa. E se deu mal. Sim, o resultado imediato não foi bom. Foi caluniado e lançado na prisão. Todavia, Deus usou essas mesmas coisas para o seu bem e, alguns anos depois, ele saiu do cárcere para ocupar o posto de governador do Egito, a maior potência daqueles dias. Com isso, aprendemos também a avaliar os resultados de nossas escolhas a longo prazo (Gn 39: 7 a 41:44).

Sansão foi um homem forte em força física e fraco em força de vontade. Tinha tudo para dar certo. Foi escolhido por Deus para um trabalho especial mesmo antes de nascer. Seus pais eram tementes a Deus e fizeram o que de melhor poderia ser feito para educá-lo nos caminhos de Deus e prepará-lo para sua missão. Foi abençoado por Deus e frequentemente o Espírito do Senhor Se apoderava dele e lhe concedia extraordinária força física. Mas ele não possuía domínio próprio, especialmente no que se referia ao sexo. Contrariamente à vontade de Deus, casou-se

com uma filistéia; depois esteve com uma prostituta; e, mais tarde, juntou-se a outra filistéia: Dalila. No relacionamento com esta, parecia estar enfeitiçado. Não conseguia perceber que as palavras e ações dela claramente atentavam contra a vida dele. Dizem que quem não se governa acaba sendo governado por outros. Assim foi com Sansão. Nas semanas finais de sua existência, foi dominado por seus inimigos, os filisteus. Felizmente, em seu último dia de vida, ele teve um lampejo de lucidez. Percebeu seu erro e decidiu cumprir sua missão, mesmo que perdesse sua vida. Decidiu retirar o controle de sua vida das mãos dos filisteus e assumi-lo. Pediu a Deus que o usasse mais uma vez, só mais uma vez. E Deus o ouviu. (Jz 13-16). É por isso que seu nome pode constar na galeria dos heróis da fé, em Hb 11.

Daniel é um brilhante exemplo de temperança e domínio próprio. Observe o relato bíblico: “Resolveu, Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se.” (Dn 1:8). Daniel não era um jovem de vontade doentia. Não era impulsivo, nem indeciso, nem inconstante. Possuía grande força de vontade. Sabia dizer “não” ao mal, coisa que alguns têm dificuldade em fazer. Durante sua vida ele teve de dizer “não” muitas vezes, inclusive para os homens mais poderosos do mundo. Ele disse “não” ao chefe dos eunucos e ao cozinheiro-chefe quando estes lhe disseram para comer da comida real (Dn 1:8-16). Ele disse “não” ao chefe da guarda, quando este foi encarregado pelo rei de matar os conselheiros, por não conseguirem revelar o sonho e sua interpretação (Dn 2:12-16). Quando Nabucodonozor imaginou que o reino da Babilônia seria eterno, Daniel lhe disse “não”; outros reinos lhe sucederiam e o reino de Deus é que seria eterno (Dn 2:37-44). Quando Belsazar ofereceu a Daniel posições e riquezas para que este interpretasse a escrita na parede, Daniel disse “não”. A interpretação seria gratuita (Dn 5:16-17). Quando Dario promulgou um decreto que proibia se fizesse petição a qualquer homem ou deus, que não fosse o rei, Daniel disse “não”, e foi orar ao Deus Eterno como sempre o fizera (Dn 6:6-10). Qual era o segredo de Daniel? Ele recebera de Deus o dom do domínio próprio e se apoderara dele. De fato, quando um homem aprende a dominar-se, faz-se capaz de dominar o mundo exterior. Antes disso, nunca. Quando uma pessoa aprende a dizer “não” a si mesma, saberá e terá força moral para dizer “não” a outros, quando necessário.

DESENVOLVENDO O DOMÍNIO PRÓPRIO

Ao buscarmos cultivar o domínio próprio, bem como outras qualidades, será muito proveitoso efetuar, ao final de cada dia, uma breve revisão de nossos comportamentos, atitudes e palavras durante o dia que findou. Desse modo nos é possível descobrir os motivos que nos levaram a agir de uma ou de outra maneira e a perceber, com mais clareza, onde falhamos e onde acertamos. Isto resultará em conhecermos melhor a nós mesmos e em podermos planejar e executar um melhor relacionamento com Deus e com os homens. Se, por exemplo, falhamos em nos dominar em determinada situação, devemos pensar em qual deveria o comportamento correto e, então, depois de confessar nosso pecado a Deus e pedir Seu perdão e nos perdoar a nós mesmos, podemos planejar agir de modo correto na próxima vez em que passarmos por algo semelhante.²⁸

Ao encerrar seu arrazoado sobre o fruto do Espírito, o apóstolo declara: “Contra estas coisas não há lei” (Gl 5:23). A lei de Deus não condena nenhuma destas coisas, antes, são elas que capacitam o homem a viver em acordo com esta mesma lei. O mesmo pode ser dito em relação às leis humanas. A sociedade não necessita de nenhuma proteção contra os que ostentam estas qualidades: o amor, a paz, a bondade, a mansidão, o domínio próprio; mas frequentemente necessita ser protegida contra aqueles que manifestam as obras da carne: prostituição, lascívia, inimizades, ciúmes, iras, invejas, bebedices, e coisas semelhantes.²⁹

Devemos, portanto, entregar a Deus o domínio de nossa vontade e pedir que Ele nos conceda este poder, o poder sobre nós mesmos, o poder de dizer “não” ao pecado e ao mal. Deixemos o Espírito de Deus operar em nossa vida e apreciemos e cultivemos a virtude do domínio próprio.

Referências bibliográficas

1. H. Baltensweiler, “Domínio próprio, Sensatez, Prudência”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 4 Vols., editado por Colin Brown, traduzido por Gordon Chown (São Paulo: Vida Nova, 1985), 1:682-683; D. H. Tougue, “Domínio próprio, Temperança”, *O novo dicionário da Bíblia*, 3 vols., editado por J. D. Douglas (São Paulo: Vida Nova, 1966), 1:443.
2. John William MacGorman, “Gálatas”, *Comentário bíblico Broadman*, 12 vols., editado por Clifton J. Allen e traduzido por Adiel Almeida de Oliveira (Rio de Janeiro: JUERP, 1985), 11:150.
3. Ver Baltensweiler, 1:683.
4. Russell Norman Champlin e João Marques Bentes, eds., “Autocontrole”, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, 6 vols., 3ª ed. (São Paulo: Candeia, 1995), 1:396.
5. Ver Baltensweiler, 1:683; Tougue, 1:443.
6. Baltensweiler, 1:684.
7. Gary L. Thomas, *As virtudes cristãs* (Rio de Janeiro: Textus, 2003), 15.
8. John R. W. Stott, *As epístolas de João: Introdução e comentário* (S. Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1985), 110.
9. Edward A. Mc Dowell, *Comentário bíblico Broadman*, 12 vols., editado por Clifton J. Allen e traduzido por

- Adiel Almeida de Oliveira (Rio de Janeiro: JUERP, 1985), 247.
10. Emilson dos Reis, "As marcas de um cristão", *Revista Adventista*, Fevereiro de 2000, 12.
 11. Ver argumento completo em Emilson dos Reis, *Como preparar e apresentar sermões*, 2ª ed. (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 80-88.
 12. Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade*, 2 Vols., 3ª ed. (Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 2:685.
 13. Ibid.
 14. Ibid., 1:100 e 2:406.
 15. Alberto Montalvão, *Psicologia*, Biblioteca de Ciências Exatas e Humanas, Vol. 2 (São Paulo: Novo Brasil Editora Ltda., 1982), 201.
 16. White, 2:685.
 17. Montalvão, 202.
 18. Ibid., 193.
 19. Ibid., 202.
 20. Ibid.
 21. White, 2:683.
 22. Ibid., 2:692.
 23. Ibid., 2:694.
 24. Ibid., 2:686.
 25. Ibid., 2:691.
 26. Ibid., 2:692.
 27. Ibid., 2:693.
 28. Ver idem, *Obreiros Evangélicos*, 4ª ed. (Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1969), 275.
 29. MacGorman, 150.
-